

Produtividade Novo estudo calcula prejuízo na absorção de tecnologias e desperdício de recursos

Políticas reduzem ganhos de eficiência, dizem economistas

Ricardo Balthazar
De São Paulo

O jeito mais usual de calcular a produtividade de uma economia é dividir sua produção de bens e serviços pela quantidade de trabalho que ela requer. É uma forma simples de medir a eficiência econômica dos países, mas ela ajuda pouco a entender por que alguns saem-se melhor que outros. Um novo estudo sobre o assunto oferece algumas pistas para entender o que aconteceu com o Brasil nas últimas décadas.

O trabalho foi feito por três economistas, Victor Gomes, da Universidade Católica de Brasília, Samuel de Abreu Pessôa, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), e Fernando Velloso, do Ibmec. Algumas conclusões do estudo foram adotadas pelo documento "Política Econômica e Reformas Estruturais", divulgado em abril pelo Ministério da Fazenda.

O estudo procurou calcular separadamente a contribuição que o acúmulo de capital, o aumento da escolaridade dos trabalhadores e o progresso tecnológico observado nos países mais avançados tiveram para o crescimento da economia brasileira desde 1950. Além disso, comparou a evolução da produtividade no Brasil com a de outros países.

Uma conclusão dos três economistas é que a absorção do

progresso técnico mundial foi o principal motor do crescimento da economia brasileira nas últimas décadas. Outra é que, na maior parte do período examinado, os ganhos de produtividade do país limitaram-se a acompanhar essa evolução e raramente ultrapassaram essa fronteira.

De acordo com o estudo, a produtividade brasileira cresceu em média 0,6% ao ano nas últimas cinco décadas. Descontados os efeitos do progresso tecnológico, ela teria diminuído 0,3% ao ano. Como outros trabalhos sobre o assunto também mostram, o país teve ganhos expressivos de eficiência entre as décadas de 50 e 70, mas boa parte deles foi anulada durante os anos seguintes.

Os cálculos dos economistas sugerem que os ganhos de produtividade foram mais expressivos entre 1967 e 1976, os anos do milagre econômico da ditadura militar. Nesse período a produtividade teria crescido em média 1,7% ao ano além do que seria justificável pelo progresso técnico observado em outros países.

Para os autores do estudo, a explicação para diferenças como essa deve ser buscada na política econômica e no ambiente institucional da época. "Nossa hipótese é que as reformas institucionais promovidas pelos militares na economia incentivaram esses ganhos de eficiência", diz Pessôa.

"Pelos nossos cálculos, eles não poderiam ser explicados pela evolução dos outros fatores que estimulam a produtividade."

Da mesma forma, políticas desastrosas e instituições inadequadas, que prejudicariam o uso eficiente dos recursos disponíveis no país, explicariam as perdas de produtividade ocorridas na década de 80. Elas foram tão grandes que anularam ganhos obtidos com o progresso tecnológico do período, diz o estudo.

Os três economistas também oferecem novas evidências do impacto que investimentos crescentes em educação produziram na economia. Eles calcularam que o aumento da escolaridade da força de trabalho foi responsável por 79% do crescimento econômico do Brasil na década de 90. A década de 80 teria sido muito pior, de acordo com o estudo, se não fosse o avanço na escolaridade dos trabalhadores.

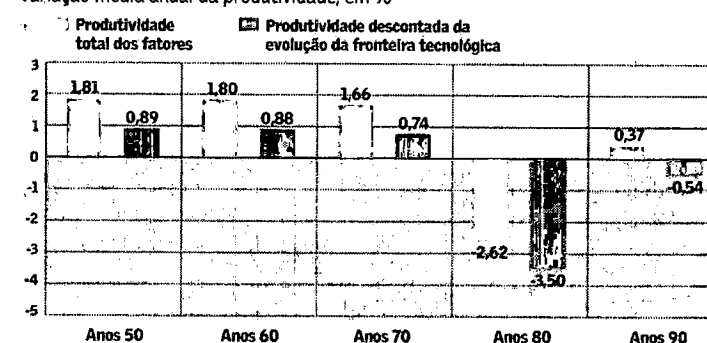
Economistas que examinaram o trabalho têm dúvidas sobre alguns pontos. Para calcular a evolução da fronteira tecnológica, os autores do estudo tomaram como base apenas a economia dos Estados Unidos. Outra premissa controversa do trabalho sugere que os países têm livre acesso a novas tecnologias e todos podem ser beneficiados igualmente pelo progresso técnico se abrirem suas economias para o exterior.

Correndo atrás dos outros

A evolução da produtividade no Brasil

O país perdeu fôlego nas últimas décadas

Variação média anual da produtividade, em %



A absorção do progresso técnico mundial foi o principal motor do crescimento

Contribuição de cada fator para o crescimento do PIB, em %

	Produtividade descontada	Fronteira tecnológica	Estoque de capital por trabalhador	Escolaridade da força de trabalho	Variação do PIB por trabalhador
Anos 50	39	40	11	9	40
Anos 60	44	46	-12	23	30
Anos 70	37	46	26	-10	30
Anos 80	417	-107	-112	-99	-7
Anos 90	-55	92	-16	79	18
1950-2000	-25	72	21	33	189

Fonte: Victor Gomes, Samuel de Abreu Pessôa e Fernando Velloso

Em parte como resultado dessas escolhas, os cálculos do estudo apontam ganhos de produtividade pequenos em períodos que outros economistas consideram muito mais relevantes. "A industrialização nas décadas de 50 e 60 e a abertura dos anos 90 produziram enormes ganhos de eficiência, certamente maiores do que o estudo sugere", opina o economista Maurício Mesquita Moreira, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Alguns resultados obtidos pelo estudo nas comparações entre o Brasil e outros países também são surpreendentes. Descontados os efeitos do progresso tecnológico mundial, os cálculos do trabalho sugerem que os ganhos de eficiência obtidos no Brasil foram muito superiores aos observados na Coreia do Sul, onde o governo promoveu políticas industriais que muitos economistas consideram exemplares.

Para outros economistas que estudam o assunto, o esforço que a Coreia fez para se modernizar resultou em ganhos de produtividade que os cálculos de Pessôa e seus colegas não reconhecem. Outros países asiáticos que também adotaram políticas industriais ativas no período, como Japão e Taiwan, tiveram ganhos de eficiência superiores aos da Coreia, segundo os pesquisadores.

Apesar das dúvidas, o estudo ajuda a entender por que o Brasil não tem reduzido de forma significativa a distância que o separa dos países mais ricos. "A qualidade da política econômica influi na absorção do progresso técnico e afeta o aproveitamento dos recursos disponíveis", diz Pessôa. "Políticas insensatas provocam desperdício de capital e do investimento em educação."

O estudo está em www.fgv.br/epge/home/PisDownload/1154.pdf

Curtas

Saneamento

O Ministério das Cidades apresenta hoje à tarde em Brasília o levantamento sobre os investimentos necessários para a universalização do fornecimento de água e do saneamento básico. O montante deve surpreender os agentes envolvidos na expansão dos serviços. O secretário nacional de Saneamento, Aberlardo de Oliveira Filho, não quis revelar o número, mas adiantou que ele é bem maior do que os R\$ 40 bilhões calculados durante o governo passado.

Bancários

Os bancários de todo o país realizam hoje o Dia do Vermelho. Este dia foi escolhido para dar início às atividades de mobilização da campanha salarial de 2003 e acontece no mesmo dia em que transcorre em São Paulo, mais uma rodada de negociações com a Federação Nacional dos Bancos. As atividades devem ocorrer em todos os bancos, que neste ano estão unificados em sua campanha salarial.

Diesel

O governo de Minas resolveu reduzir a alíquota de ICMS do óleo diesel dos atuais 18% para 12%. Na prática, Minas cede à guerra fiscal igualando a alíquota de ICMS do produto a dos Estados vizinhos São Paulo, Espírito Santo e Bahia. O termo de compromisso entre o governador Aécio Neves (PSDB) e o Sindicato do Comércio Varejista de Derivados de Petróleo de Minas Gerais (Minaspetro) será assinado hoje à tarde. A expectativa do governo é contribuir para a ampliação do volume de diesel comercializado no Estado em pelo menos 170 milhões de litros adicionais por mês, para a reabertura de postos que hoje estão fechados e a conseqüente criação de 6 mil novos empregos.